**QUESTÕES DE GÊNERO ENTRE POVOS INDÍGENAS: UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE DISTINTAS PERSPECTIVAS.**

**Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/PARANAÍBA).**

**Antropologia/Etnologia Indígena**

**MODA**, Camila Rafaela Marques¹ ([camsrafaelagp@gmail.com](mailto:camsrafaelagp@gmail.com)); **DANAGA**, Amanda Cristina² ([amanda.danaga@uems.br](mailto:amanda.danaga@uems.br))

1 Discente do curso de Ciências Sociais UEMS – Paranaíba;

2 Docente do curso de Ciências Sociais UEMS – Paranaíba.

Questões de gênero no Brasil têm sido uma discussão de grande relevância, sobretudo com autoras feministas refletindo especifiamente a respeito de assuntos concernentes ao gênero femenino. Esse diálogo pretende pensar como a mulher teve seu espaço oprimido em função de sua biologia. Na Antropologia, inicialmente, os estudos de gênero tiveram como foco de suas pesquisas aréas consideradas não ocidentais. Grandes autoras fizeram suas pesquisas de campo observando as especificidades de cada grupo, visto que, para muitas populações, a relação de gênero não mantinha uma distinção tão marcada e hierarquizada como para nós. Partindo de um presuposto antropológico, alguns desses grupos observados, entendiam tanto o gênero feminino como o masculino sem distinções de natureza, e mostravam-se capazes de mobilizar e modificar o gênero a partir das interações que mantinham um com o outro e dos papéis desempenhados nessas interações. Isso acontecia, por exemplo, com determinados povos da Melanésia, que, por vezes, mantinham a separação do gênero no trabalho, na caça e nos afazeres domésticos, mas isso não limitava ou oprimia as mulheres, pois seus espaços e ambientes femininos se mantinham sem restrinções. Assim, essa pesquisa teve como objetivo compreender, principalmente, como o gênero foi sendo observado na produção da etnologia no Brasil e, posteriormente, na etnologia sul mato-grossensse, com interesse especial nos Guarani e Kaiowá, a fim de promover uma comparação entre perspectivas de distintos grupos. Para a execução desses objetivos foram realizadas leituras que tratassem de diferentes contextos etnográficos e observassem que, em cada qual, o gênero era abordado de uma maneira específica. Observou-se, ainda, recursos audiovisuais, como documentários, filmes e *lives* acerca da temática abordada. Compreendemos, portanto, que os Guarani e Kaiowá não lidam necessariamente com a distinção de gênero do mesmo modo que nós (ocidentais) ou que outras populações indígenas. Tudo isso faz com que a atuação da mulher indígena seja reivindicada, pois assim como para os/as Guarani e Kaiowá, outros grupos também se certificam que o espaço entre o feminino e o masculino não seja mais uma dicotomia repleta de desigualdades, mas sim com funções semelhantes e singulares, como a luta pelo território que atualmente tem sido uma das principais pautas do movimento indígena e ponto de encontro dos interesses de mulheres e homens Guarani e Kaiowá.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero, etnologia indígena, Guarani e Kaiowá.

**AGRADECIMENTOS:** À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), à Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação (PROPPI), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da bolsa e a orientadora pelo auxílio prestado.